



FOGO POSTO | ARSON

Pedro A.H. Paixão

texto | text

Emanuele Coccia

Fundação Carmona e Costa

*a Maria da Graça Carmona e Costa
com reconhecimento*

*Livro publicado por ocasião da exposição |
Book published on the occasion of the exhibition*

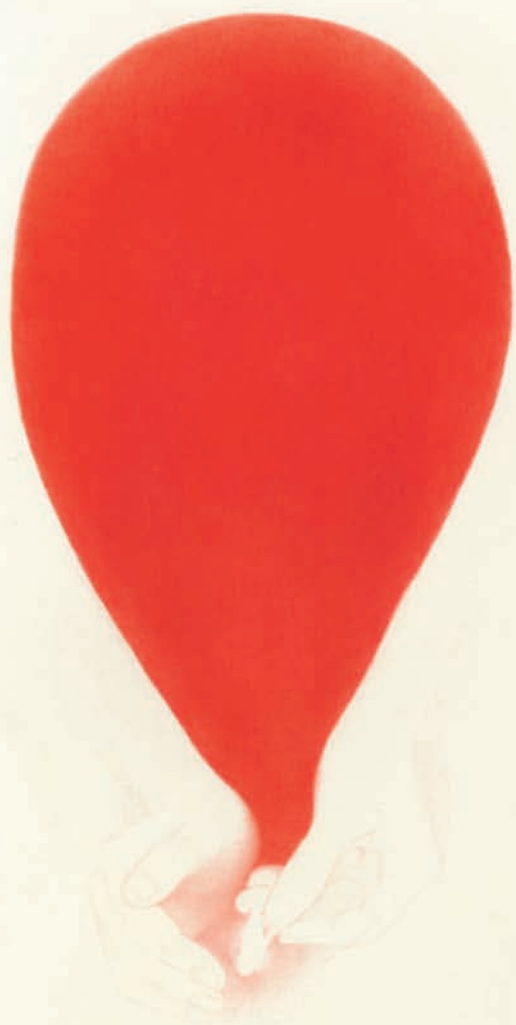
Fogo posto | Arson
*Espaço de Artes Decorativas
Fundação Carmona e Costa, Lisboa
17.09.2016-27.12.2017*

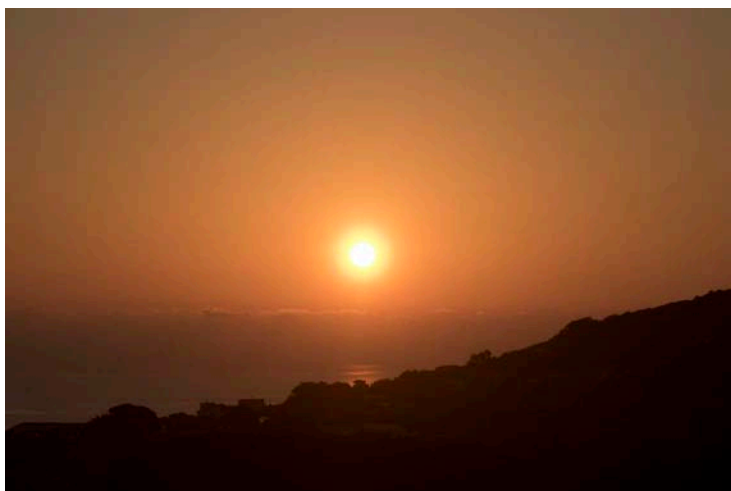
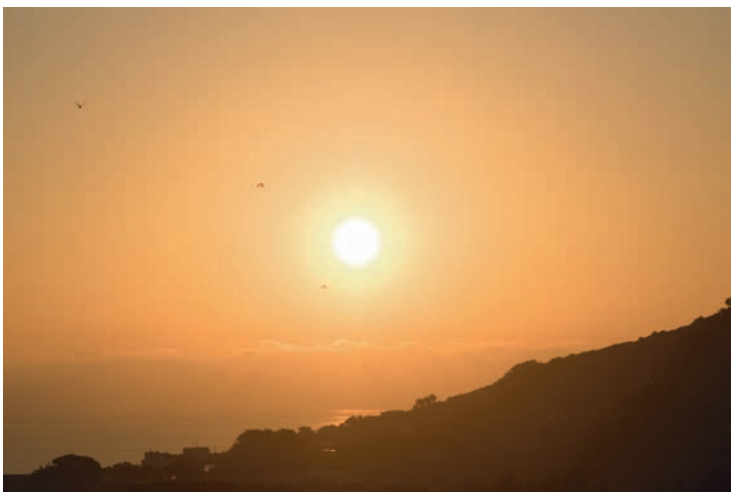
© Pedro A.H. Paixão, 2016
Texto | text © Emanuele Coccia
© Fundação Carmona e Costa
© Sistema Solar (chancela Documenta)

ISBN 978-989-8834-33-1

Tradução portuguesa | Portuguese translation
Jorge Leandro Rosa
Tradução inglesa | English translation
José Gabriel Flores

Tiragem | Copies 500
Deposito legal | Legal deposit 000000/16
Impressão | Printing
Gráfica Maiadouro SA





INCENDIAR O MUNDO |
SETTING THE WORLD ON FIRE

Emanuele Coccia

Não é um estado da matéria. Não é o espaço da combustão e da libertação de energia que cada porção de extensão e de massa parece reter em si. É, precisamente, um elemento. Um princípio que atravessa todos os corpos e vibra em cada uma das vidas presentes, passadas e futuras. O fogo é o mais longínquo, o mais hostil e o mais perigoso de todos os elementos que compõem o cosmos. E é, certamente, o mais contraditório, aquele no qual o inteiro edifício metafísico parece dever desabar. Não é uma casualidade ser ele a base sobre a qual as mitologias antigas construíam a possibilidade de pensar o fim e a fragilidade de todo o universo. Um elemento deveria dar solidez, estrutura ou, pelo menos, movimento e extensão às coisas de que se torna corpo: é

It is not a state of matter. It is not that space of combustion and liberation of energy every parcel of extension and mass appears to preserve within itself. It is, to speak with precision, an element. A principle that runs through all bodies and resonates in all past, present and future lives. Fire is the most remote, hostile and dangerous of all the elements that compose the cosmos. It is also, certainly, the most contradictory, the one in which the whole metaphysical edifice seems destined to collapse. It is not by chance that it is the foundation on which all ancient mythologies erected the possibility of thinking the fragility and end of the whole universe. An element should lend solidity, structure or, at least, movement and extension to the

o que fazem o ar, a água e a terra. O fogo dá a luz e a visibilidade às coisas, mas obriga-as a viverem no limite do não-ser, no balanceamento entre a destruição iminente e a inseparabilidade da própria identidade. Como se aparecer e morrer fossem a mesma coisa, como se abrir-se ao mundo correspondesse a queimar a própria substância. Como se a forma – aquilo que faz com que as coisas possam brilhar pelo que são e assim destacarem-se da opacidade do mundo – fosse o princípio de cada fim. O fogo é esta contradição física, a força que tanto dá forma como desfaz todas as coisas, a respiração universal que impede o cosmos de ser idêntico a si próprio. É só porque tudo participa no fogo que há vida no universo. E é apenas porque tudo está prestes a arder que a matéria é um laboratório incansável de forma e de movimento.

E no entanto, nada pode alimentar-se somente de fogo. Nada pode ser feito para além de lhe resistir, combatê-lo, misturá-lo com outra coisa. O próprio fogo parece necessitar de algo mais para poder viver: mal se liberta da sua mistura com outros elementos, como que se consome a si mesmo e desaparece no não-ser. Só fora da Terra a sua pureza é possível.

things it embodies: this is what air, water and earth do. Fire lends life and visibility to things, but forces them to live on the brink of non-being, teetering between imminent destruction and the inseparability of identity itself. As if becoming visible and dying were the same thing, as if opening itself to the world were the same as burning its own substance. As if the form – that which allows things to shine for what they are, and thus stand out from the world's opacity – were the beginning of every end. Fire is this physical contradiction, the force that now gives form, now destroys all things, the universal breathing that keeps the cosmos from being identical to itself. It is only because everything takes a part in fire that life exists in the universe. And it is only because everything is about to burn that matter is a tireless laboratory of form and movement.

And yet, nothing can feed solely on fire. Nothing can be done besides resisting it, fighting it, mixing it with something else. Fire itself seems to need something else to live: the moment it abandons its mixed condition with other elements, it appears to devour itself, disappearing into non-being. Its purity is only possible out of the Earth. That is precisely the

É precisamente por isso que ele foi objecto, durante séculos, de uma longa e duradoura remoção. Foi-lhe negada substância, realidade, forma, a fim de apenas preservar as suas qualidades – o seu halo, a respiração que se estende sobre tudo o que o circunda: a luz, as cores, o calor. O desenho de Pedro A.H. Paixão (PAHP) é, desde logo, uma resposta a este esquecimento. Não só o fogo existe, é real, mas é aquilo que é necessário olhar, o único, verdadeiro e exclusivo objecto de atenção, de estudo, de amor. Tudo o mais é apenas uma desculpa, um véu, um alibi. Decoração.

Fazer do fogo o centro e o objecto privilegiado do desenho implica mais do que reformular e revolucionar a tradição gráfica e estética que esta forma de arte transmitiu até aos nossos dias. Significa, sobretudo, transformar e romper com a epistemologia que separou a arte da ciência, o desenho das artes plásticas, assim como, o que é essencial, o conhecer do fazer. O fogo não pode ser objecto da representação: desenhar o fogo significa fazer do fogo a essência do desenho e deste a vida mais profunda deste elemento. Desenhar significará, então, chegar a dominar e governar

reason why it was the object, over centuries, of a long and enduring remotion. It was denied substance, reality or form; only its qualities were preserved – its halo, the breath that blows over all that surrounds it: light, colours, heat. The drawing of Pedro A.H. Paixão (PAHP) is from the outset a reaction to this oblivion. Fire not only exists, is real, but it is also that which must be seen, the sole and true object of attention, study and love. Everything else is just an excuse, a veil, an alibi. Window-dressing.

To make fire the focus and privileged object of drawing implies more than reformulating and revolutionising the graphic and aesthetic tradition this art form has carried into the present day. It means, first and foremost, to transform and break with the epistemology that has separated art from science, drawing from the visual arts and, most importantly, knowledge from making. Fire cannot be the object of representation: to draw fire means to make fire the essence of drawing and to make drawing this element's profoundest life. To draw will then imply dominating and managing the contradictory force that allows things to stand out from the rest of the world, while simultaneously mingling themselves with it again.





a força contraditória que permite às coisas serem distintas do resto do mundo e, simultaneamente, se confundirem de novo com ele. Vice-versa, o fogo que anima o cosmos é apenas a vida do desenho universal, do movimento mediante o qual tudo vive e se torna cognoscível e real. O desenho de PAHP é a mais radical tentativa feita para restituir ao desenho, não apenas a centralidade estética que este perdeu desde há séculos, mas também, e particularmente, o estatuto como meio cognitivo e cósmico que já não somos capazes de nele reconhecer.



O fogo não é apenas um elemento. É um astro, e não um astro qualquer. É aquele que repousa no centro de tudo. O esquecimento do fogo coincidiu com a recusa mais obstinada em acolher a revolução que, há cinco séculos, um tratado de um naturalista polaco ajudara a começar. «Reside no meio de tudo. Quem, com efeito, poderia pô-lo num outro lugar ou numa localização melhor a partir da qual pudesse tudo iluminar com um simples gesto? Chamaram-lhe lâmpada do mundo, ou mente, ou ainda reitor. Trismegisto

Conversely, the fire that animates the cosmos is nothing more than the life of the universal drawing, of that movement whereby everything lives, becoming cognoscible and real. PAHP's drawing is the most radical attempt to give back to drawing not only the aesthetic centrality it lost centuries ago but also, and especially, the status of a cosmic cognitive means we are no longer able to recognise in it.



Fire is not just an element. It is a celestial body, and a very special one: the one that reposes at the centre of everything. The oblivion of fire coincided with the most obstinate refusal to welcome the revolution that, five centuries ago, a treatise by a Polish naturalist had helped trigger. "It resides in the midst of everything. Who, in fact, could have situated it in another place or in a better position from which it could illuminate everything with a simple gesture? They called it the lamp of the world, its mind, or even its rector. Trismegistus called it a visible god, Sophocles the all-seeing. As if sitting on a royal throne, the Sun reigns over the family of bodies that turn around

chamou-o deus visível, Sófocles omnividente. Como se se sentasse num trono real, o Sol reina sobre a família de astros que giram em torno dele. [...] A Terra é fecundada e concebida pelo Sol através de um parto anual.» Seria difícil encontrar palavras mais lidas e comentadas do que estas. Contudo, nunca como com estas palavras a leitura, o comentário e a escuta foram tão inúteis. Não obstante, as numerosas celebrações, as declarações de conversão, a consciência comum das ciências humanas e sociais, mas também a filosofia do homem da rua e as artes nunca abandonaram a fé geocêntrica.

Obstinamo-nos em pensar a Terra como o horizonte definitivo da nossa existência: ser no mundo significa ser na Terra, medir tudo o que é e que acontece a partir das formas e das figuras próprias do planeta que nos acolhe. A Terra é o espaço métrico definitivo: a ciência do lugar e do espaço chama-se ainda geometria, medida da Terra. O desenho de PAHP opõe a precisão do universo heliométrico à abstracção geométrica: aquilo que faz do Sol o centro, o objecto e a unidade de medida de tudo o que existe, a matéria de todas as formas. A revolução «heliométrica»

it. [...] The Earth is fertilised and conceived by the Sun via an annual parturition.” Few words have been more read and commented upon than these. However, reading, commentary and listening have never been so futile as they are regarding these same words. Our numerous celebrations, conversion statements and general awareness of human and social sciences, together with the average person’s philosophy and the arts, have never relinquished the geocentric faith.

We persist in thinking the Earth as the final limit of our existence: to be in the world means to be on Earth, to measure all that is and all that happens in accordance with the forms and figures of the planet on which we stand. The Earth is the definitive metric space: the science of place and space is still called geometry, the measurement of the Earth. PAHP’s drawing confronts the precision of the heliometric universe with geometric abstraction: that which makes the Sun the centre, the object and the measure unit of everything that exists, the matter of all forms. The “heliometric” revolution his works seek to set off *through* drawing is no less radical than the one of Copernicus. For the latter, what was at stake was

que os seus trabalhos tentam instaurar *através* do desenho não é menos radical do que aquela de Copérnico. Para este, a aposta que estava em jogo não era apenas a afirmação da centralidade do Sol. Colocar o céu no centro de tudo significava reconhecer a natureza astral da Terra, romper a divisão que separava o universo humano daquele celeste. Traduzido em termos visuais, isto significa negar que exista uma oposição entre matéria e luz, entre corpo e forma, entre cor e desenho. PAHP encontrou um fundamento cosmológico para combater e desfazer-se do ímpeto abstraccionista que definiu a modernidade na arte e impediu o reconhecimento do fogo como essência de todas as formas; que nos impediu de perceber que desenhar o fogo através do fogo é o exacto contrário tanto do informe como da restauração geométrica efectuada pelo minimalismo. O desenho já não é reprodução dos contornos e não coincide com a linha: o desenho é o ser das formas e da cor, a sua massa, o seu corpo, o sangue e a respiração da forma. Impossível distinguir nos seus desenhos linha e mancha, cor e contorno, forma clara e fundo. Contudo, este indistinto não é o fim da visão:

more than simply declaring the centrality of the Sun. To place the heavens in the centre of everything meant acknowledging the astral nature of the Earth, tearing down the boundaries that separated the human universe from the celestial one. In visual terms, this meant denying the existence of an opposition between matter and light, body and form, colour and drawing. PAHP discovered a cosmological foundation that helped him fight against and ultimately free himself from the abstractionist impulse that has defined modernity in art and kept us from recognising fire as the essence of all forms, thus keeping us from understanding that to draw fire with fire is the exact opposite of both formlessness and of the geometric restoration carried out by minimalism. Drawing is no longer a tracing of contours, and it does not coincide with the line: drawing is the being of forms and colour, their mass, their body, the blood and breath of form. In his drawings, it is impossible to tell line and patch, colour and outline, clear shape and background from one another. However, that indistinction is not the end of vision: on the contrary, it is vision's metabolism, its innermost breathing.

é, ao contrário, o seu metabolismo, a sua respiração mais íntima.

Para Copérnico, de modo idêntico, perceber que a Terra não é o centro imóvel do universo significa universalizar o movimento: tudo é e tudo se constitui graças ao movimento próprio e no seu seio. Para PAHP, a revolução heliocêntrica coincide com a universalização do desenho: tudo existe e tudo é somente graças ao desenho, por meio dele, no seu meio. O desenho não é já a arte da representação: é a natureza das coisas, a força que as anima e logo permite a sua geração. Nos seus desenhos, tudo envia para esta espécie de naturalização radical do grafismo: as figuras emergem dos traços, as esferas ou boleados são as sementes das quais emergem e pelas quais são geradas as formas do universo. O desenho é a genética universal do cosmos. E a imagem não é o resultado do desenho, é a sua vida. Neste sentido, a radicalização do desenho, que se encontra na raiz universal das coisas e das formas, significa negar que exista uma oposição entre o finito e o não-finito, o esboço e a obra, o esquiço e a obra-prima. Tudo vive pela ponta do lápis.

Likewise, for Copernicus understanding that the Earth is not the immobile centre of the universe implied an universalisation of movement: everything becomes and is only in the midst of, and thanks to, its own movement. For PAHP, the heliocentric revolution coincides with the universalisation of drawing: everything exists and everything is solely thanks to drawing, through it, in it. Drawing is no longer the art of representation: it is the nature of things, the force that animates them and thus allows their generation. In his drawings, everything evokes this kind of radical naturalisation of the graphic language: figures emerge out of traces or dots, while spheres or round shapes are the seeds out of which the forms of the universe emerge and through which they are generated. Drawing is the universal genetics of the cosmos, and the image is not the result of the drawing, but its life. In this sense, the radicalisation of the drawing, which is found at the universal root of things and forms, means denying that there is an opposition between the finite and the non-finite, a rough drawing and a finished work, a sketch and a masterwork. Everything lives through the pencil-tip.





Pedro A.H. Paixão

p. 1

Fogo posto

2016

Lápis sobre papel | Pencil on paper

42 × 29,7 cm

p. 2

«*In medio vero omnium residet Sol*»

(*July 29, 2016*)

2016

Diaporama

pp. 8-9

Sem título | Untitled

2016

Lápis sobre papel | Pencil on paper

42,1 × 50,6 cm

p. 14

In memoriam sacro igni

(*1/2*)

2016

Lápis sobre papel | Pencil on paper

29,7 × 20,9 cm

p. 15

In memoriam sacro igni

(*2/2*)

2016

Lápis sobre papel | Pencil on paper

29,7 × 20,8 cm

D O C U M E N T A